

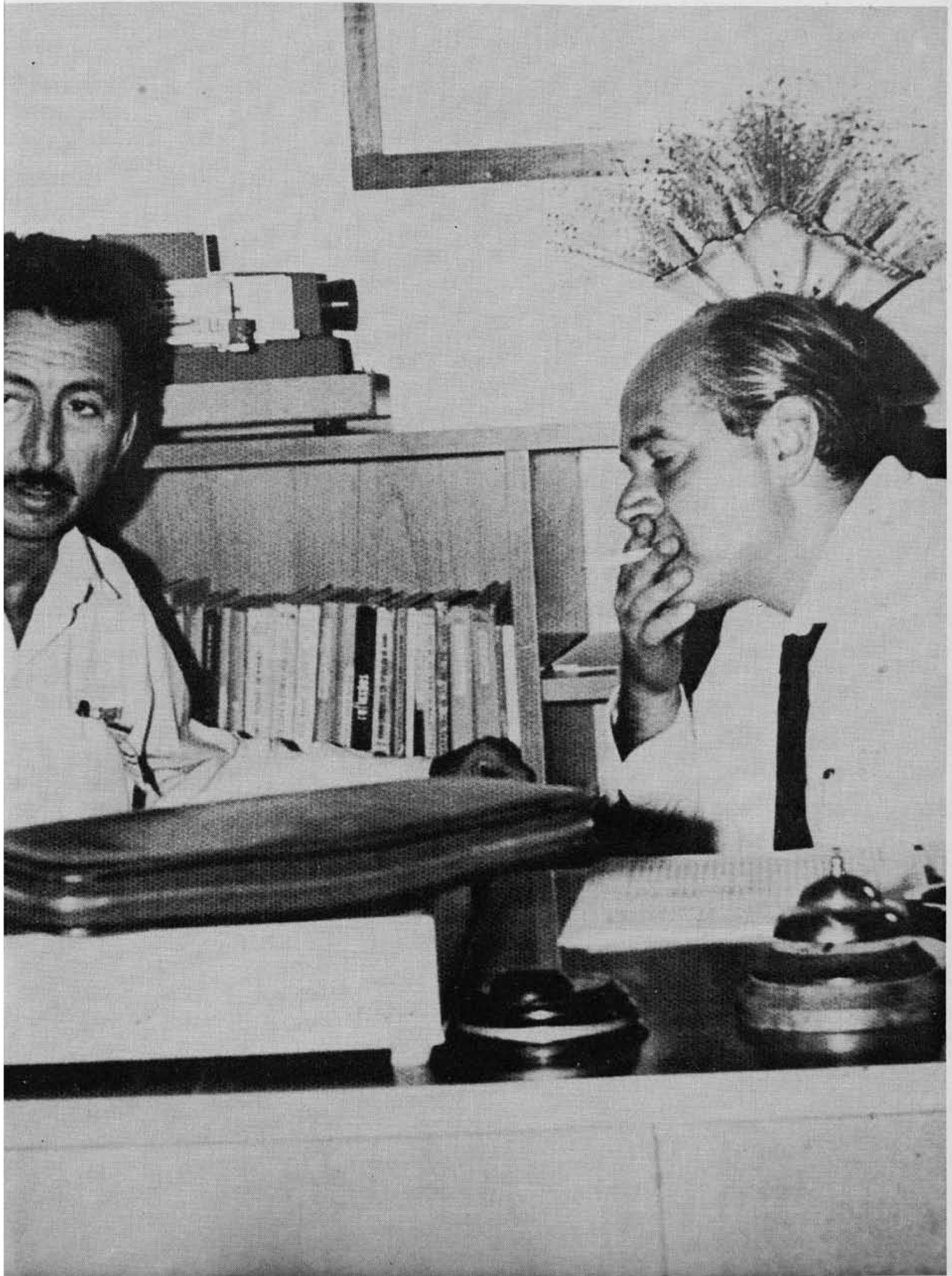
O PENSAMENTO DE PAULO EMÍLIO

17 / Dezembro / 1916 —

9 / Setembro / 1977

“Seria pouco sensato atribuir a tradicional ineficiência da cinematografia brasileira à ausência de pessoas com boas idéias a respeito dessa modalidade de indústria e comércio. O aparecimento, na década de vinte ou trinta, do Rui Barbosa (para não fugir à mitologia nacional) da cinematografia, não teria alterado nossa situação de importadores de divertimento. Fazia parte porém da nossa imaginação coletiva de povo subdesenvolvido, esse anseio constante por certo tipo de personalidade cuja função sentíamos bem qual era mas sem defini-la claramente. Não esperávamos que elas promovessem o progresso nacional. Pedíamos apenas que se ilustrassem, sobretudo diante do estrangeiro, para nosso orgulho. Estou colocando essas considerações no passado, mas tudo é muito próximo. O que nos fascinou nos físicos saídos de nossa jovem Universidade, foram as informações correntes a respeito do prestígio de que gozavam no estrangeiro. Quando surgiu em São Paulo a efervescência cinematográfica dos fins dos anos quarenta, descobriu-se subitamente que o Brasil possuía, também em cinema, um Santos Dumont, um Rui Barbosa, isto é, revelou-se ao grande número que Alberto Cavalcanti existia: como aqueles no campo de Bagatelle ou na tribuna de Haia, este triunfara nos estúdios cinematográficos de França e Inglaterra. É uma perda de tempo imaginar o que teria acontecido se Santos Dumont tivesse recebido a missão de fabricar aeroplanos no Brasil, na





década de vinte. Mas o fato de Rui Barbosa não ter conseguido eleger-se presidente da República deve reter a nossa atenção, pois confirma a idéia de que a função desses homens não era a de resolver problemas nacionais e sim a de serem admirados, não eram messias mas astros. Se fosse permitido inventar uma expressão útil, eles poderiam ser definidos como bodes exultórios."

("Suplemento Literário do Estado de São Paulo" 31/12/1960).

"O traçado do mapa psicológico do público teria maiores possibilidades se cada espectador fosse uma só coisa. Na realidade, porém, o esteta, o político e o sentimental existem em cada um de nós numa combinação inextricável. Só nós sabemos e assim mesmo de maneira vaga e incerta, qual é, das nossas virtualidades, a mais provocada por este ou aquele filme. O acordo total com a obra, as ocasiões em que somos atingidos de maneira equilibrada, nas três frentes de nossa personalidade são momentos de plenitude, bastante raros."

(Dos Estetas aos Sentimentais, Suplemento Literário do Estado de São Paulo n.º 263, 6/1/62).

"Diante de uma convulsão social, de um filme, ou de uma paixão, as únicas armas válidas para a ação ou o conhecimento são aquelas que nos são fornecidas pela conjuntura, isto é, as que inventamos."

(Revolução, Cinema e Amor, Suplemento Literário do Estado de São Paulo n.º 261, 23/12/61).

"Não somos europeus nem americanos do norte, mas destituídos de cultura original, nada nos é estrangeiro, pois tudo o é. A penosa construção de nós mesmos se desenvolve na dialética rarefeita entre o não ser e o ser outro. O filme brasileiro participa do mecanismo e o altera através de nossa incompetência criativa em copiar." (...)

"O Brasil, que importava de tudo — até caixão de defunto e palito —, abriu alegremente as portas para a diversão fabricada em massa e certamente não ocorreu a ninguém a idéia de socorrer nossa incipiente atividade cinematográfica." (...)

"O fenômeno brasileiro é daqueles cuja originalidade está a exigir uma expressão nova. À palavra subversão, tacanha e em última análise ingênua, pode ser oposta a noção de superversão, que resume com maior probidade as ocorrências que se desenvolveram até meados de 1964."

(Revista Argumento, outubro de 1973).